

# e

# lgêbêtê

## não diga que não vê



LGBT = lésbico, gay, bissexual e transgénero | número zero Junho 2003

## >Manifesto 2003

Hoje estamos aqui – e todos os anos somos mais – para celebrar o aniversário de Stonewall: a primeira vez que os LGBT, a uma só voz, disseram: Não! Não à discriminação, não ao preconceito, não à violência. Hoje estamos aqui para lutarmos com a nossa visibilidade contra quem finge que não nos vê. Porque todos os dias ainda enfrentamos a homofobia (no emprego, na família, na televisão, na imprensa, no poder político), hoje estamos aqui para dizer **NÃO!**

### DIZEMOS NÃO À DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO!

Devido à insistência do nosso movimento, o governo informou que vai aplicar a Directiva Europeia para a igualdade no emprego e incluir explicitamente no novo Código de Trabalho a não discriminação com base na orientação sexual. Mais: face a uma denúncia, será o empregador a ter que provar que não discriminou. Mas esta vitória não pode escamotear todas as disposições deste Código do Trabalho que ainda afectam negativamente LGBT, mulheres, imigrantes e outr@s, e precarizam o trabalho de tod@s no desrespeito por direitos adquiridos na democracia portuguesa pelo que continuaremos combativos e vigilantes.

### DIZEMOS NÃO AO PRECONCEITO!

Com que outro fundamento, que não o preconceito, não somos reconhecidos como família? Com que outro fundamento, que não o preconceito, não se permite o registo das uniões de facto? Com que

outro fundamento, que não o preconceito, nos é negada a participação nos órgãos consultivos do Estado? Com que outro fundamento, que não o preconceito, apoia o Governo nas escolas o trabalho dum movimento que defende a abstinência sexual como método contraceptivo? Com que outro fundamento, que não o preconceito, se limita a escolha das mulheres nos seus direitos sexuais e reprodutivos?

### DIZEMOS NÃO A TODAS AS FORMAS DE VIOLÊNCIA!

Dizemos não, e sempre dissemos não, a todas as formas de abuso sexual. Várias pessoas aproveitaram casos recentes mais mediatizados para promover a confusão entre homossexualidade e abuso sexual de menores. Alguma imprensa portuguesa cedeu o seu espaço para a divulgação destas posições – e silenciou as nossas. A essas pessoas e a essa imprensa, dizemos também claramente NÃO: NÃO à homofobia; NÃO ao aproveitamento chocante de factos chocantes para a promoção dessa homofobia; NÃO ao abuso do poder mediático para a promoção do ódio e da discriminação.

Em solidariedade e cooperação com os movimentos sociais e os participantes do Fórum Social Português, lutamos pela educação para a cidadania, pela promoção da diversidade, pela igualdade no trabalho, pela democracia informada e inclusiva. Estas são questões centrais, que afectam as nossas vidas diariamente. Esta luta parte de cada um(a) de nós é de tod@s nós. Somos muitas e muitos. Somos muitas vezes, somos muitos votos. Usemos essas vozes, usemos esses votos, quebrems os silêncios, digamos **NÃO**.

## Direitos Humanos

## direitos para todos os seres humanos, direito à vida privada

O direito à preferência emocional/sexual, como o direito à vida privada, é ou deveria ser um dos direitos humanos mais evidentes. Aparentemente, nenhuma pessoa em seu juízo perfeito considera aceitável ser repetidamente violado/a (...) ser obrigado/a a casar com alguém que não tivesse escolhido, ser preso/a até “se emendar”, ou ser internado/a à força numa instituição psiquiátrica para “curar”, com quimioterapia ou “lavagens ao cérebro”, a sua (bi/homo/hetero) sexualidade. Além de não serem moralmente aceitáveis, estas atitudes são inúteis: todas e todos, seja qual for a nossa orientação sexual, sabemos e sentimos que as mudanças de orientação sexual, quando ocorrem, ocorrem sem recurso a interferências agressivas de terceiros pessoas (...) A Amnistia Internacional (ou : AI) tomou a seu cargo a defesa dos direitos humanos das pessoas lgbt. A AI pretende a aplicação do mais básico de todos os direitos humanos, o direito à não-discriminação. A Declaração Universal de Direitos Humanos pretende

garantir os direitos humanos a todas as pessoas. Aplicando a Portugal - qualquer pessoa portuguesa, seja qual for a sua religião, raça, estatuto económico, orientação sexual, idade, sexo, etc, deve ter os mesmos direitos perante a lei do nosso país, assim como qualquer pessoa somali, finlandesa ou iraniana os terá face às respectivas leis. No entanto, as próprias leis e autoridades são por vezes agentes de tortura, não de protecção, dos seus cidadãos e cidadãs. Na Colômbia, sem medo de serem levados à justiça, os “esquadrões da morte” assassinam gays e transexuais - em muitos casos, os esquadrões são formados por agentes da polícia. No Irão, as autoridades afirmam publicamente que as pessoas declaradas culpadas de actos homossexuais poderão ser castigadas com a morte. Noutros casos, as autoridades nada fazem para proteger os direitos básicos das pessoas lgbt: em 1993, no nordeste brasileiro, foi encontrado - no lixo, com sinais de tortura e decapitado - Renildo José dos Santos, um político municipal que

às suas diferenças políticas com outros dirigentes locais juntava a de ter assumido a sua bissexualidade num programa de rádio. (...). Para o presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, as pessoas lgbt são “menos que humanas”. (...). Por isso no Zimbábue as pessoas lgbt são presas e torturadas. (...) Acontece frequentemente que a manipulação política dos preconceitos sobre orientações sexuais consiste em campanhas de criação de bodes expiatórios, que se destinam a desviar a atenção de governações corruptas ou simplesmente ineficazes. A culpa das doenças sociais, diz-se então, é dos lgbt ou daqueles e daquelas que defendem os seus direitos (...). É uma atmosfera similar que se experimenta na Malásia de Anwar Ibrahim (...), vice primeiro ministro e ministro das finanças da Malásia. As leis da Malásia criminalizam relações não heterossexuais e Ibrahim foi condenado em Agosto de 2000, por sodomia, a nove anos de prisão – e ainda recentemente a sua sentença foi confirmada. O

que torna este caso diferente dos que vimos mencionando é que a AI crê que estas acusações criminais camuflaram motivações políticas. (...) para o afastar da luta pelo poder. (...) Podemos pensar que, depois dos campos de concentração alemães e dos seus triângulos invertidos marcados na roupa de presas e presos (os triângulos negros marcando as “delinquentes sociais” onde se incluíam, juntamente com as vadias e prostitutas, as bissexuais e as lésbicas, os cor-de-rosa marcando homens bi ou homossexuais), as torturas em razão da vida privada passaram à história, mas a realidade mostra-nos que onde quer que se encontrem sementes de autoritarismo o abuso pode surgir, sob não importa que pretexto. A AI é uma organização internacional de defesa dos direitos humanos. A organização defende as pessoas que, não tendo empregue a violência nem advogado o seu uso, são presas ou sofrem tortura ou maus tratos devido às suas convicções ou a factores como a sua origem étnica, o seu sexo, a

sua raça, a sua língua, a sua origem nacional, o seu estatuto económico, etc, etc. Nestes “etceteras” incluem-se as pessoas que têm problemas devido a (acusações de) práticas homossexuais realizadas em privado e por mútuo consentimento entre adultos, ou ainda todas as pessoas que têm problemas por defenderem pacificamente os direitos humanos de pessoas lgbt. (...) A AI considerou que tal como a cor, o sexo ou a religião, as preferências emocionais/sexuais de uma pessoa são parte integrante e fundamental da respectiva identidade. Qualquer indivíduo tem direito a que respeitem as suas opções ( como a do sistema religioso), ou os traços que não pode mudar, como a cor da pele. (...) O trabalho usual da Amnistia Internacional neste âmbito consiste na recolha de casos precisos de discriminação e tentativas de influenciar as autoridades para que essas situações concretas sejam resolvidas.

*Núcleo Mulheres e LGBT da Secção Portuguesa da Amnistia Internacional*

# Sair do armário?



## assumir a tua homossexualidade ou bissexualidade

O mundo à tua volta, a TV, os filmes, as revistas e jornais, bombardeiam-te permanentemente com imagens e estereótipos do casal perfeito, o homem e a mulher. A música que ouves é quase toda referente à paixão heterossexual. Se és homem os teus amigos só falam de mulheres, se és mulher as tuas amigas só falam de homens. Tudo isto torna difícil, e até doloroso, identificares-te na sociedade em que vives. Mesmo sabendo que ser homossexual ou bissexual é normal e tão saudável como ser heterossexual. Mesmo sabendo que leva tempo descobrir quem és e que tens o direito de te conhecer. Mesmo sabendo que não és únic@ nem estás sozin@, porque há centenas de milhares de pessoas que já passaram pelo mesmo. Chega uma altura em que todas as pessoas podem sentir-se apaixonadas ou atraídas por alguém do mesmo sexo. Não significa que se seja homo ou bissexual. Muitos homossexuais têm experiências sexuais com pessoas do sexo oposto e muitos heterossexuais têm essas experiências com pessoas do mesmo sexo. Uma pessoa não activa sexualmente pode saber qual é a sua orientação sexual. A sexualidade humana desenvolve-se e define-se ao longo de muitos anos. Não te preocupes se não tens a certeza. São os teus sentimentos, emoções e atracções físicas que vão ajudar-te a ir definindo a tua orientação sexual. Quando decides dizer às pessoas que és gay, lésbica ou bissexual diz-se que estás a assumir-te ou a assumir a tua orientação sexual (coming-out). Assumirmo-nos como gays, lésbicas ou bissexuais é algo muito importante. Se falares com algumas pessoas que tenham passado por este processo, verás que é uma das experiências mais marcantes das suas vidas e que é algo contínuo, que nunca está acabado.

### Porque Existem Diferentes Orientações Sexuais?

O investigador sobre sexualidade mundialmente conhecido, Dr. Alfred Kinsey, concluiu a partir das suas pesquisas que quase ninguém é exclusivamente hetero ou homossexual e que a maior parte das pessoas sentem-se atraídas, pelo menos uma vez durante as suas vidas, por pessoas do mesmo sexo. Existem pessoas de orientação homossexual e bissexual em todo o lado. Simplesmente, a maior parte das vezes, não consegues distinguir quem é ou não é. Mas ninguém sabe exactamente o que determina ou desencadeia os diferentes tipos de orientação na nossa expressão sexual. Muitos estudiosos pensam que é um produto complexo da genética, da biologia e de condicionantes psico-sociais. De acordo com o psiquiatra Dr. Richard Pillard, a homo e bissexualidade existem em praticamente todas as espécies de animais. A homossexualidade faz tanto parte da natureza como a heterossexualidade. De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (AAP), não podemos escolher a nossa orientação sexual. Mas podemos optar por assumi-la perante nós próprios e a quem o dizer...

### A Quem Dizer?

És tu que decides a quem dizer. Não tens de dizer a ninguém, se não o desejares. Mas encobrir quem és pode dificultar as tuas relações pessoais. Quando decides dizer a pessoas que és gay, lésbica ou bissexual diz-se que estás a assumir-te ou a assumir a tua orientação sexual (coming-out). Tenta planear as circunstâncias em que tencionas assumir-te. A melhor coisa a fazer é falares com alguém em quem possas confiar: um amigo ou amiga, a tua mãe ou o teu pai, uma irmã ou irmão.

### 1. Amigos

Preconceito e discriminação existem em todo o lado, para com todas as diferenças. As pessoas muitas vezes temem aquilo que não compreendem e podem acabar por odiar aquilo que temem. Esta é a base do preconceito a que se chama homofobia, quando está associado à homossexualidade.

Em geral @s jovens e @s amig@s reagem melhor às diferentes orientações sexuais do que as pessoas mais velhas, embora isto não seja uma regra. Conhecendo os teus amigos ou amigas sabes que os mais chegados te poderão apoiar. Alguns até poderão ter muito orgulho em te ter como amig@ e na tua coragem em assumires-te. Outros, se têm preconceitos acerca de pessoas homo ou bissexuais, poderão reagir mal e podes perder a sua amizade. Tens de estar preparad@ para tudo.

### 2. Família

Cada família é única. Só tu podes saber se a tua família está ou não preparada para saber da tua sexualidade. Há famílias que têm posturas homofóbicas e heterocentristas devido, por exemplo, à sua cultura, religião ou educação. Neste caso, pode ser difícil assumires-te, especialmente se estás a viver em casa da tua família ou a ser ajudado financeiramente.

Deves decidir quem da tua família te apoiaria e reagiria melhor. Podes até precisar de alguém que saiba guardar segredo. Na maioria das vezes, as mães são a melhor escolha, porque apesar de se poderem sentir chocadas no princípio, muitas vezes elas até já sabiam. O tempo também ajuda e se quem escolheres reagir mal, pode ser que aceite melhor passado algum tempo. Tens de ser paciente e deves evitar revelar a tua orientação sexual num momento de raiva ou descontrolo emocional. Podes procurar livros que ajudem a tua família a compreender quem és. Lembra-te que a maior parte das pessoas tem dificuldade em pensar ou falar dos seus próprios sentimentos e atracções sexuais. Talvez precisem de aprender com a tua experiência.

A maioria dos pais pensa que entende os seus filhos ou filhas desde o dia em que nasceram. Ao assumires-te podem sentir que te perderam ou que te transformaste numa pessoa diferente que não reconhecem. O mais provável é que este sentimento de perda seja temporário: pode demorar alguns meses, alguns anos, mas também pode nunca vir a desaparecer.

### 3. Escola

Se ainda estás a estudar, talvez saibas como as pessoas que te rodeiam pensam dos gays, lésbicas ou bissexuais, pelo que conversam entre si. Mais uma vez, só tu poderás saber até que ponto te sentes seguro em dizer aos outros. Poderá até haver um/a professor/a ou psicólogo@ que te apoie e ajude. Podes sentir que a tua escola não tem um ambiente propício para te assumires e decidir que vais esperar até ires para uma universidade ou arranjares emprego. Isto não deve ser um problema. Deves manter-te física e psicologicamente são/sã. Se te assumires na escola e tentares fazer-te a vida num inferno ou te magoarem, fala imediatamente com um/a professor/a ou psicólogo@. Tens o direito a uma educação sem assédio nem preconceitos e é dever da escola proteger-te e apoiar-te. Assumir quem és vai requerer muita coragem, paciência e força de vontade da tua parte. Mas é muito mais fácil aproximares-te das pessoas de quem gostas e que gostam de ti quando sentes que não tens nada a esconder e quando te sentes bem contigo próprio@.

# Adopção e Parentalidade

As lésbicas e os gays sempre tiveram filhos, mas foi preciso esperarmos pelos anos 70 para que os homens gay e, especialmente, as lésbicas decidissem ter e educar crianças fora de casamentos heterossexuais tradicionais. De acordo com uma sondagem efectuada nos EUA nos anos 90, era quase tão frequente encontrar mulheres lésbicas e mulheres heterossexuais que fossem mães (62% e 72% resp.). Somente 27% dos gays inquiridos eram pais de crianças contra 60% de homens heterossexuais. Para além disso, estimou-se que o número de crianças — com um pai gay ou uma mãe lésbica — esteja entre 1 e 9 milhões.

Em Portugal como em qualquer outro país, os gays e as lésbicas desejam ser pais e mães biológicos ou adoptar crianças. Contudo, os gays e lésbicas devem proceder com imensa cautela pois a principal objecção que tem sido apontada para que não o façam é a defesa dos direitos da criança, baseada em preconceitos: a alegada — e falsa — associação entre homossexualidade e abuso sexual de menores; a suspeita infundada de que as lésbicas e gays “recrutam” activamente jovens;<sup>1</sup> a alegada pressão social a que as crianças são sujeitas no ambiente escolar;<sup>2</sup> a necessidade de uma figura materna/paterna. Outro preconceito é o de que os filhos de gays e de lésbicas serão tendencialmente também gays e lésbicas. A Associação Americana de Psicologia afirma que as crianças criadas por pais gays e mães lésbicas não são nem mais nem menos propensas a serem gays e lésbicas que os filhos de casais heterossexuais. (Aliás, tanto quanto sabemos somos maioritariamente filhos e filhas de pais heterossexuais.)

## SERÃO OS GAYS E AS LÉSBICAS PAIS/ MÃES CAPAZES?

Para responder a esta questão talvez fosse de citar uma conclusão de um relatório publicado recentemente, em Fevereiro de 2002, pela “American Academy of Pediatrics”. Em aspectos como “Atitudes parentais, comportamento, personalidade e ajustamentos dos pais” ao “Desenvolvimento emocional e social da criança”, passando pela “Identidade de género e orientação sexual da mesma”, este estudo avança que há mais semelhanças que diferenças entre a forma como os homossexuais e os heterossexuais exercem os papéis parentais.

## É POSSÍVEL QUE CASAIS HOMOSSEXUAIS ADOPTEM?

A resposta à questão é sim. Por exemplo: na Holanda é permitido que casais homossexuais adoptem crianças desde 1998; na Inglaterra discute-se a adopção por casais homossexuais na Câmara dos Lordes; em Portugal é possível que pessoas singulares, maiores de 30 anos, possam adoptar, de acordo com o decreto lei nº 120/98, deitando assim por terra a argumentação da necessidade de uma figura paterna/materna.

### Que futuro para uma lei que permita a adopção por casais homossexuais em Portugal ?

Nós diríamos que se avizinha um caminho difícil na luta da adopção pelos homossexuais em Portugal. Antes de retomar esta luta talvez fosse de levar a bom porto outras igualmente prioritárias como é o caso da regulamentação da União de Facto e da alteração do artigo 13º da Constituição Portuguesa, por forma a combater, também, a discriminação baseada na orientação sexual.

## CONCLUSÃO

Citamos o relatório da “American Academy of Pediatrics”: “...as crianças são aparentemente muito mais influenciadas pelos processos/sinergias familiares que pela estrutura familiar.” Esta conclusão não contraria o senso comum: mais vale proporcionar um ambiente familiar estável a uma criança — onde os pais, independentemente da sua orientação sexual, manifestam satisfação na sua relação, grande amor pelas crianças e poucos conflitos interparentais — que deixá-la em orfanatos e outras instituições onde não tem o carinho e atenção de que necessita. Afinal o bem-estar da criança deve estar acima de tudo.

<sup>1</sup>Os gays e lésbicas não são nem mais nem menos predadores que os heterossexuais... O que é fundamental é uma selecção/avaliação cuidada dos adoptantes por parte das assistentes sociais, etc., que não passe pela discriminação baseada na orientação sexual.

<sup>2</sup>Estudos americanos concluem que as crianças com pais homossexuais parecem suportar bastante bem o desafio que constitui perceber e explicar as suas famílias aos seus colegas e professores. Para além disso, o divórcio era há anos atrás um motivo efectivo de pressão sobre crianças em ambiente escolar. Com o aumento de casais divorciados, registou-se uma aceitação definitiva de crianças vivendo nessas circunstâncias.

# Por um Desejo de (En)Globalização

A sexualidade é, porventura, uma das áreas do desenvolvimento humano sobre a qual se deve ter escrito mais nos últimos anos, relativamente à qual mais se tem especulado e onde se encontram as definições mais variadas. Observam-se definições que vão desde conceitos restritos de sexualidade, ligados nomeadamente à relação sexual e ao relacionamento genital, a outros tão englobantes como a integração dos aspectos afectivos, emocionais, cognitivos e intelectuais que regem o relacionamento interpessoal.

O trabalho que a Associação para o Planeamento da Família (APF) tem vindo a desenvolver na área da educação sexual e da promoção da saúde sexual e reprodutiva, por um lado, e dos direitos sexuais e reprodutivos (conceito mais recente), por outro, integra a noção mais ampla de sexualidade, assumindo, frequentemente, a definição da Organização Mundial de Saúde que entende a sexualidade como “uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados”. Daí que ela determina também “a nossa saúde física e mental”.

Uma das vertentes do trabalho realizado (e é essa que importa aqui destacar) prende-se com a identificação de preconceitos e falsas crenças, ligados aos sentimentos, aos comportamentos sexuais e aos estilos de vida. São exemplo destas crenças noções entendidas como naturais relativamente aos papéis sexuais socialmente construídos e a conceitos de família, que contemplem apenas a

família dita tradicional, assente em noções de parentalidade e consanguinidade. Ideologicamente, assumimos a transmissão de um valor fundamental que pretendemos que seja interiorizado: o respeito pelo outro. A forma de estar de cada pessoa deverá ser valorizada sempre que as suas atitudes e comportamentos não colocarem em risco nenhuma outra pessoa.

A constatação da existência de comportamentos mais frequentemente observados – como é, por exemplo, o caso dos relacionamentos heterossexuais – não implica a construção de um juízo sobre eles (não é a sua frequência que os torna melhores para o ser humano): é fundamental perceber que existem outras opções de vida, umas vezes apenas menos visíveis – como é o exemplo de um casal que opte por não ter filhos – outras, não só menos visíveis como também desvalorizadas, apenas porque diferentes.

É sobretudo neste último caso que as pessoas são alvo de discriminação, de ridicularizações ou de agressões que podem chegar mesmo ao homicídio. Não se trata aqui de considerar o insulto e a ridicularização verbal menos graves do que outro tipo de agressão, visto que, como sublinha a OMS, a forma como a sexualidade é vivida “influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”. Incluem-se nesta categoria de sentimentos, comportamentos e formas de vida por vezes consideradas desajustadas ou conotadas, outrora, como resultantes de uma anomalia, os relacionamentos entre

pessoas do mesmo sexo ou os comportamentos de homens ou de mulheres que não estão de acordo com o que seria socialmente esperado pelo facto de terem nascido com determinado sexo biológico.

É necessário ajudar as pessoas a distinguirem entre aquilo que foi (e ainda é) um determinado tipo de organização social e o desejo político-ideológico da sua manutenção, compreendendo os factores implicados nesse processo, daquilo que são comportamentos, afectos e sentimentos experimentados pelos seres humanos que eventualmente influenciariam a construção de uma nova ordem social, mas cujos efeitos deverão ser interpretados quer a nível da promoção da saúde quer a nível dos direitos humanos. A educação sexual integra, nesta perspectiva, a educação para a cidadania, para o civismo e para a (en)globalização, para a promoção dos direitos individuais e colectivos num quadro de dinâmica social que previne o risco e promove a saúde física e mental.

É assim, num contexto de promoção dos direitos humanos em geral e dos direitos sexuais e reprodutivos em particular (num momento histórico em que ambos são particularmente maltratados e violentados), que a APF se solidariza com os movimentos de defesa dos direitos das pessoas LGBT.

*Direcção Nacional da APF*

## Faltam Factos às Uniões abusos sexual?



### ESTES DIREITOS JÁ PODEM USAR-SE Mas pode haver obstáculos:

>Por um lado, a Lei ainda está por regulamentar pelo governo. A sua aplicação concreta depende do empenho com que os casais lgbt forem exigindo os direitos que esta lhes confere, e comunicarem às associações os casos de discriminação ou incumprimento.

>Por outro lado, existem com frequência resistências discriminatórias. Muitos casais gays ou lésbicos têm recorrido às associações lgbt para se informarem sobre estes direitos. Outros, face à recusa de determinado serviço ou instituição em cumprir a Lei, recorreram às associações para desbloquear essas resistências. Na maioria dos casos, estas situações verificam-se por mero desconhecimento dos responsáveis ou funcionários relativamente a esta Lei.

Um dos direitos a que já podemos aceder é a declaração conjunta de IRS. Esta pode ter lugar mesmo que a Lei não esteja regulamentada. A declaração de IRS pode, à falta de uma modalidade de registo clara, funcionar como comprovativo da existência da união de facto, nomeadamente para se usufruir dos direitos relativos a casa, trabalho e pensões.

### DIREITOS CONFERIDOS PELA LEI:

>Protecção da casa de morada da família: em caso de morte do proprietário ou arrendatário da casa, @ companheir@ tem preferência na compra ou arrendamento durante um período de cinco anos.  
>Acesso ao mesmo regime jurídico de férias, faltas, licenças e preferência na colocação territorial dos

As Uniões de Facto – nomeadamente entre pessoas do mesmo sexo – são protegidas pela Lei nº7/2001, publicada no Diário da República, I Série-A, nº 109, de 11 de Maio. Legisla a situação jurídica de “duas pessoas, independentemente do sexo, que vivam em união de facto há mais de dois anos”, incluindo as relações iniciadas antes da existência desta Lei. Excluídos do seu usufruto estão menores de 16 anos ou pessoas com demência, casadas, que sejam parentes próximos ou que tenham sido condenadas por homicídio doloso.

funcionários da Administração Pública de que usufruem as pessoas casadas.

>Benefício Fiscal em sede do IRS: Aplicação do regime do imposto de rendimento das pessoas singulares nas mesmas condições que as pessoas casadas.

>Protecção na eventualidade de morte do beneficiário da Segurança Social, pela aplicação do regime geral e da Lei.

>Prestação por morte resultante de acidente de trabalho ou doença profissional.

>Pensão de preço de sangue e por serviços excepcionais prestados ao país.

### O QUE NÃO FICOU RESOLVIDO:

>O direito de visita, enquanto familiar, nos hospitais e nas prisões, muitas vezes negado.

>Direitos sucessórios, nomeadamente a possibilidade de herdar património comum.

>As actuais leis de imigração portuguesas são restritivas dos direitos. A União de Facto não é útil, pelo menos de forma directa, para os processos de legalização, visto que a Lei das Uniões não prevê o direito ao reagrupamento familiar.

>Da mesma forma não está previsto o reconhecimento em Portugal de uniões de facto celebradas noutros países, nem sequer no âmbito da UE.

>Não está regulamentada a alteração do estado civil no Bilhete de Identidade.

>A forma de pôr fim à União de Facto também não está regulamentada.

>O direito à adopção continua discriminatoriamente um exclusivo das “pessoas de sexo diferente que vivam em União de Facto”.

>O próprio registo da União de Facto não está previsto.

Quem quer e quem não quer combater o

Está hoje em curso em Portugal uma larga campanha conservadora no campo dos direitos sexuais. Dela faz parte a nova Lei do Trabalho, obra de ministro da Opus Dei, que contém medidas que constituem um ataque a todas as famílias. O Código Laboral aumenta o horário de trabalho nocturno, limita as licenças de parto, permite banalizar e eternizar os contratos precários, abre espaço à invasão da privacidade pela entidade empregadora, permite que um aborto ilegal seja justa causa para despedimento ou que a gravidez/intenção de engravidar seja motivo de não contratação. Todos os grupos sociais desfavorecidos – e as sexualidades minoritárias já hoje são desvantagem no local de trabalho – têm a perder com esta Lei.

A esta campanha pertence também a nomeação de uma conhecida militante anti-despenalização do aborto, Margarida Neto, como Coordenadora Nacional para os assuntos da família. Uma pessoa que considera que só há família quando esta resulta da “complementaridade homem-mulher”, que não considera “família um casal homossexual com uma criança” e que se posiciona contra as famílias monoparentais e contra o direito de escolha das mulheres.

Cabe ainda, na ofensiva conservadora actual, o protocolo para a Educação Sexual estabelecido entre o Movimento de Defesa da Vida e o Ministério da Educação, abrindo a porta ao primeiro para fazer das escolas um campo de batalha pelas suas posições ideologicamente comprometidas.

A Educação Sexual nas escolas é uma necessidade e um direito, ainda mais num país que ainda rodeia de tabús a sexualidade mas tem gravosas taxas de doenças sexualmente transmissíveis: serve para fornecer, formando e informando, os instrumentos para escolhas livres e conscientes. Não serve para induzir essas escolhas num sentido moralista. Muito menos serve para que o Estado laico patrocine as campanhas conservadoras de sectores fundamentalistas da sociedade.

Como parte de um movimento que luta pela autonomia sexual dos indivíduos, as associações lésbicas, gays, bissexuais e transgender condenaram desde sempre o abuso sexual de menores e consideraram que ele deve ser denunciado e punido. A liberdade e o mútuo consentimento, que têm que ser a base do exercício da sexualidade, são violados pelo abuso sexual, porque, e tal como a lei portuguesa estabelece, uma criança não tem condições para produzir esse consentimento. Essa prática é portanto um abuso, uma violência e um crime. E é um abuso, uma violência e um crime, independentemente do sexo da criança.

Mas um exército de colonistas e opinadores tem preenchido os espaços de opinião dos jornais, procurando associar a homossexualidade (orientação sexual) e o abuso sexual de menores (maioritariamente praticado por homens, independentemente da orientação sexual).

É uma tática do bode expiatório, que tenta explorar sentimentos “anti-homossexuais” entre a população. Mas os próprios meios de comunicação social têm induzido à confusão. E o combate à prática pedófila exige uma informação que, em vez de se alimentar de preconceitos e de alimentar preconceitos, seja, pelo contrário, de uma clareza absoluta na explicitação dos motivos pelos quais essa prática é criminosa.

Tanto a perseguição à homossexualidade como as práticas de abuso sexual de menores provêm da mesma fonte de ignorância e ocultação.

# Entre Pares Contra a Homofobia



O Fórum Social Português é um processo de encontro, convergência e participação da cidadania organizada e das pessoas, "que amplifica a voz d@s muit@s que condenam as políticas económicas, sociais, ambientais e culturais do neoliberalismo, a guerra, o sexismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia, a pobreza, a exclusão social e a injustiça". Neste processo, integrado no Fórum Social Mundial e Europeu, destaca-se a presença de diferentes movimentos sociais que cruzam experiências vindas de tradições diferenciadas e em que o movimento LGBT tem sido um parceiro empenhado na mudança necessária do país em que vivemos. Este processo representa para o movimento LGBT o quebrar do isolamento de anos junto de boa parte dos movimentos sociais em Portugal.

Entre as dezenas de conferências e oficinas que se realizarão neste dias encontram-se as seguintes actividades promovidas pelas associações e colectivos Lésbicos, Gays, Bissexuais e Transgénero.

## iniciativas LGBT no Fórum Social Português

### CONFERÊNCIA

Sexualidades emancipatórias em sociedades patriarcais: resistindo ao sexismo e à homofobia (8 de Junho, 9 horas e 30 minutos)

1. **Sexualidade, educação e emancipação**  
Margarida Botelho
2. **Direitos reprodutivos, cidadania e escolha**  
Odete Santos  
Andrea Peniche
3. **Violência patriarcal**  
Helena Pinto
4. **Família, que conceitos?**  
Maria José Magalhães
5. **Situação social e legal da população LGBT**  
Miguel Vale de Almeida
6. **Direitos LGBT uma questão de/para todos**  
Ana Cristina Santos

### OFICINAS

(7, 8 e 9 de Junho das 14h e 30m às 17h e 30m)

- >Sexismo e homofobia - as duas faces da mesma moeda. Histórias do quotidiano [não te privas - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais]
- >As Palavras que (nunca) te direi - Sexismo e homofobia na(s) linguagem(ns) [não te privas - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais]

- >Violência sobre as mulheres [UMAR, APAV e Rede de Jovens para a Igualdade]
- >Não ao abuso sexual sobre menores [Opus Gay e ACED]
- >A Transexualidade em Portugal [Associação ILGA Portugal, Associação @T]
- >Como a homofobia nos afecta a tod@s [Clube Safo]
- >Educação sexual nas escolas [Clube Safo e Associação ILGA Portugal, PortugalGay.PT]
- >Visibilidade homossexual, forma de luta ou provocação gratuita? [Associação ILGA Portugal, Clube Safo, PortugalGay.PT]
- >Globalização, violência e homofobia [Opus Gay, não te privas - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais]
- >Aborto - um direito, uma escolha [UMAR, não te privas - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais, Associação para o Planeamento da Família, Associação ILGA Portugal, Clube Safo, Rede de Jovens para a Igualdade]

### MESAS DE DIÁLOGO E CONTROVÉRSIA

(7, 8 e 9 de Junho das 18h às 20h):

- >Nós e os outros! Orientação sexual e movimentos sociais em Portugal [Grupo ANGELS, Opus Gay, não te privas - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais, #gayteenportugal, Associação ILGA Portugal, Associação @T, NÓS - Movimento para a Libertação Sexual]

- >Paridade, a partilha do político [Rede Lilás - rede portuguesa da Marcha Mundial de Mulheres]
- >Movimentos sociais, suas práticas, ontem e hoje [Acção Jovem Para a Paz, GAIA, não te privas - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais, Pro Urbe, Sobreiro 19]
- >A diversidade sexual e de género no mundo do trabalho [Opus Gay]

### PONTOS DE ENCONTRO

(espaço físico de exposição e intervenção social):

- >Espaço Arco-Íris [ANGELS, Clube Safo, GOG - Grupo Oeste Gay, Associação ILGA Portugal, não te privas - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais, Opus Gay, PortugalGay.PT, #gayteenportugal]
- >Espaço Mulheres [Rede Lilás - rede portuguesa da Marcha Mundial de Mulheres]

Paralelamente ao Fórum Social Português, várias organizações dos movimentos sociais estão a preparar uma primeira Assembleia de Movimentos Sociais portugueses, que se realiza na manhã de dia 10 de Junho e para qual estão tod@s desde já convidad@s. No mesmo dia realizar-se-á uma manifestação/marcha que mostrará o dinamismo dos movimentos sociais portugueses e que, com a participação LGBT, constituirá em pleno mês de Junho a primeira "Marcha do Orgulho" deste ano de 2003.

## Nós e os outros...

Em relação a quem fica com as crianças durante as manifestações, o movimento LGBT solucionou esse problema: apresento-vos Mima, uma transsexual que tirou Educadores de Infância quando ainda era homem!



*amigáveis choques de culturas no FSP*

Manifestação  
**outro mundo e  
outro portugal  
são possíveis**  
10 junho > 15h  
marquês de pombal  
lisboa

# Comemorações Orgulho LGBT 2003

Segunda-feira, 17 Junho, 18.30h  
**Debate: (In)Visibilidade Homossexual**  
Moderado por Patrícia Grilo  
Com intervenções de Ana Marques (Clube Safo) e Paulo Jorge Vieira  
Local: Bar-Teatro, Teatro Académico Gil Vicente (Praça da República), Coimbra  
Organização: não te prives – Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais

Sábado, 21 Junho, 21h  
**Festa Implicada: “A gaiola das malucas”**  
>>>Apresentação Pública da Associação @t. – associação para o estudo e defesa do direito à identidade de género >>> Show Bubble Blond em “o meu reino por um chupa” >>> One Retro Show e Sombras Chinesas  
Local: Centro Comunitário Gay e Lésbico de Lisboa (Rua de São Lázaro, nº 88, Lisboa)  
Organização: Associação @t., Associação ILGA-Portugal, GTH-PSR

Terça-feira, 24 Junho, 19h  
**Debate e Video-clips: “Madonna, ícone político e social”** com João Lopes e Nuno Galopim (jornalistas do Diário de Notícias)  
Café Cultural Cem Medos, Rua da Rosa, 99 a 103, Lisboa

Sábado, 28 Junho  
Praça do Marquês de Pombal, Lisboa  
“Relvado” do Parque Eduardo VII (junto à Avenida Joaquim António de Aguiar)  
“Tai Chi”, 11h  
**Piquenique**, 13h  
Organização: Clube Safo

Sábado, 28 Junho, 17h  
Praça do Marquês de Pombal, Lisboa  
“Relvado” do Parque Eduardo VII (junto à Avenida Joaquim António de Aguiar)  
**Marcha do Orgulho LGBT**

Sábado, 28 Junho, 20h  
**Festa: “Arraial Pride”**  
7ª edição do Arraial Pride  
Parque do Calhau (a Sete Rios), Lisboa  
Organização: ILGA-Portugal

Sábado, 5 Julho, 22h  
**Festa: “Porto Pride”**  
Teatro Sá da Bandeira, Porto  
Organização: PortugalGay.PT

Terça-feira, 15 Julho, 18.30h  
**Debate: Movimento LGBT**  
Local: FNAC-Chiado, Lisboa  
Organização: ILGA-Portugal, Associação Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa



## 28 de Junho: Orgulho de Quê?

Nós, activistas lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros (LGBT) e outr@s rebeldes sexuais, temos orgulho de enfrentar as consequências de não escondermos a nossa identidade sexual ou de género. Temos orgulho de termos sobrevivido à nossa orientação sexual ou identidade de género fora da norma numa sociedade que nos condena ao silêncio e à vergonha (muit@s não sobreviveram). Nas nossas marchas, celebramos o orgulho de quem recusa a carga moral de culpabilidade que nos é imposta, quando seria tão fácil continuarmos a esconder os nossos desejos e apenas fingirmos “ser normais”.

Não estamos orgulhosos da nossa orientação sexual, deixamos isso – e quaisquer definições de “normalidade” – para heterossexuais homófobos. Temos orgulho, sim, de escolhermos vivê-la, mesmo quando isso faz de nós alvos de discriminação e violência. Temos orgulho por oposição à vergonha. Temos orgulho nas lutas de longo prazo que tant@s travaram e travam contra a criminalização ou medicalização das nossas identidades e pela construção árdua dos nossos movimentos sociais. Temos orgulho na força, no esforço, nos sacrifícios que tantas pessoas LGBT assumiram ao longo da História para sair do armário e exigir dignidade. Temos orgulho na imensa variedade das nossas expressões e formas de expressão. O orgulho LGBT é necessário como o “black is beautiful” foi necessário nos anos 60 norte-americanos: como então, muit@s de nós

continuamos a sentir culpa, vergonha e auto-depreciação por aquilo que somos. Sem orgulho, as novas gerações LGBT em tantos países estariam condenadas à mesma existência clandestina que os seus predecessores combateram. No processo da sua auto-descoberta, muitas gerações têm tido, pela primeira vez, a possibilidade de crescerem como LGBT com referências positivas do que isso significa, e com menos referências negativas.

Nenhum outro motivo senão Orgulho motivou a histórica revolta de Stonewall - na origem do actual movimento lgbt -, quando o desejo de dignidade se traduziu em resistência à violência policial. Quando a nossa vida pessoal condiciona os nossos direitos cívicos, deixa de ser “privada” e torna-se “política”. E precisamos de ser visíveis hoje para que amanhã não tenhamos necessidade disso, quando as pessoas deixarem de ser definidas com base na sua identidade sexual ou de género.

“Dar a cara” continua, infelizmente, a ter consequências negativas. Mas é mesmo por isso que é preciso que cada vez mais gente saia do armário ou, pelo menos, se envolva com o associativismo LGBT: para inverter essa situação injusta. Para que um dia “dar a cara” seja tão natural como lavar os dentes e seja tão banal que não acarrete discriminação.

A Karnart C. P. O. A.  
Associação – associação privada sem fins lucrativos com sede no ESPAÇO KARNART, Rua da Escola de Medicina Veterinária, Nº 21, em Lisboa – tem por objectivo a criação e produção de objectos artísticos – plásticos, performativos e audiovisuais – centrados no conceito de pesquisa do perinst (performance + instalação) numa perspectiva de intervenção social quer do ponto de vista antropológico quer do ponto de vista sociológico, quer ainda dos pontos de vista ambiental e ecológico.

SEMANA DE ORGULHO  
HOMOSSEXUAL  
21 A 28 DE JUNHO DE  
2003

KARNART C. P. O. A.  
ASSOCIAÇÃO

MESAS REDONDAS E DEBATES  
Condução e Moderação  
Luís Castro (Produtor, Actor e Encenador).

HOMOSSEXUALIDADE  
E ABUSO SEXUAL DE  
MENORES  
Dia 26, Quinta-Feira, 18.00 h

A  
HOMOSSEXUALIDADE  
E AS ARTES EM  
PORTUGAL  
Dia 27, Sexta-Feira, 18.00 h

FESTA TEMÁTICA  
DIGNIDADE  
HOMOSSEXUAL  
Sexta-feira dia 27 de Junho,  
23.00h  
Entrada gratuita a mascarados,  
ousados e transex  
Preço de entrada €10  
DJs, música, dança, eventos  
performativos, jogos e body-art.

EXPOSIÇÃO  
“Olhares (d)a  
Homossexualidade –  
um contributo para a história da  
homossexualidade no século XX  
português”  
21 A 28 DE JUNHO DE 2003  
18-21h

criação e produção de objectos artísticos  
ASSOCIAÇÃO  
**KARNART**  
  
WWW.KARNART.ORG  
RUA DA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA, 21  
1000 - 127 LISBOA PORTUGAL

# “As lésbicas não são discriminadas”

A luta de lésbicas e gays<sup>1</sup> é, em primeiro lugar, uma luta contra as várias formas de discriminação e por uma efectiva igualdade de direitos, que seja explícita na Lei e implícita na sociedade. Se a necessidade desta luta parece a muit@s cada vez mais evidente, ela não deixa de ser muitas vezes questionada, mesmo por aqueles e aquelas para quem ela poderia ser mais evidente: os próprios LGBT e tod@s aqueles que se encontram ligad@s aos movimentos sociais que defendem outros grupos discriminados.

Que as lésbicas estejam envolvidas nessa luta, tanto em associações e grupos mistos como em colectivos especificamente lésbicos, afigura-se a muit@s ainda mais estranho. “As lésbicas não são discriminadas ou são muito menos discriminadas que os gays.” É o argumento muitas vezes repetido, tanto por “cidadãos comuns” como por activistas dos vários quadrantes. E os exemplos que pretendem comprovar o afirmado sucedem-se: “Duas mulheres podem viver juntas, que são só amigas”; “Duas mulheres podem andar na rua de braço dado que ninguém as vaia”. Esta afirmação, que por repetida se torna já irritante, esconde vários erros que a tornam mais um instrumento na discriminação acrescida que afecta as lésbicas.

Primeiro que tudo aceitar uma hierarquização das discriminações, sendo umas “sérias e graves” e as outras mais ou menos desculpáveis, é um erro inadmissível para tod@s quantos pretendem fazer cumprir os Direitos Humanos. Do mesmo modo que não há Direitos Humanos de primeira e outros de segunda, as várias discriminações devem ser encaradas como elementos que, no seu conjunto, formam aquilo a que poderíamos chamar a “gaiola da opressão”. Sexismo, racismo, homofobia, heterossexismo, classismo, discriminação por (d)eficiências, idade, aspecto físico, etc. São as barras da gaiola onde nos encontramos aprisionad@s e donde só nos libertaremos quando, não um mas todos, esses elementos interligados do mesmo sistema de opressão forem destruídos.

Convém recordar que somos com muita facilidade cúmplices de outras formas de opressão, ainda que sejamos vítimas de um tipo de discriminação e que devemos por isso usar as nossas características de privilégio para, estabelecendo redes de apoio mútuo, ajudar a luta de outros grupos.

Em segundo lugar a discriminação, seja ela pessoal, cultural ou estrutural, surge com a resposta àquilo que, sendo conhecido como diferente, é tido como constituindo uma ameaça à estabilidade do sistema vigente.

A discriminação sofrida pelos gays é mais visível do que a que afecta as lésbicas porque os homens são mais visíveis na sociedade que as mulheres. Mas não se pense que, por ser menos visível a discriminação sofrida pelas lésbicas, ela não existe. Num sistema social que apenas confere valor às mulheres acompanhadas por homens, as mulheres sem homem (nomeadamente as lésbicas) são invisibilizadas, nem existem. As lésbicas são, por serem mulheres, mais vulneráveis social e economicamente; que o digam as actuais taxas diferenciadas de rendimentos e de empregabilidade das mulheres. A nossa visibilidade social e mediática é assim boicotada pela herança de invisibilidade por que passaram as mulheres durante séculos e por uma maior exposição das mulheres às adversidades económicas e sociais.

Duas mulheres que caminham pela rua de braço dado não são toleradas porque a sociedade discrimina menos as lésbicas que os gays mas sim porque a sua sexualidade lhes é completamente negada. Não é suposto que, na ausência de um homem, possa haver sexualidade, por isso elas são tidas como inocuas. O falocentrismo patriarcal do sistema está tão fortemente arraigado, que reconhecer nessas duas mulheres a possibilidade de uma sexualidade vivida resulta impossível para a maioria dos observadores casuais.

A norma homem-mulher<sup>2</sup> é apresentada pelo sistema heterossexista em que nos inserimos como “natural”, como a única hipótese legítima. Casar, ter filhos, representar um determinado papel social dentro e fora de portas, é o destino oferecido às mulheres. É tido como impossível que as mulheres não o queiram viver mas, por via das dúvidas, é melhor que essa “ameaça” fique bem afastada do reino das possibilidades de felicidade, guardada no baldio da imoralidade pelo fantasma da pária lésbica.

O não reconhecimento da existência da discriminação das lésbicas é em si, uma subtil e cruel forma de discriminação. Se ela não existisse viveríamos num mundo em que, a par com outros modos de relacionamento, os livros, filmes, músicas, programas televisivos e referências históricas, incluíam imagens positivas de lésbicas, dos seus relacionamentos e modos de vida<sup>3</sup>.

A opressão das lésbicas é apenas uma das componentes da opressão mais vasta a que estão sujeitas as mulheres e, de um modo mais vasto, tod@s aqueles e aquelas que não se encaixam no modelo de pseudo-desenvolvimento económico e social que pretendem fazer vingar. Dentro da gaiola ainda estamos tod@s, lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros mas também heterossexuais, assexuais, varia-sexuais, tri-sexuais, ainda não pense inisso-sexuais, polimorfos.... até quando?<sup>4</sup>

<sup>1</sup> E bissexuais e transgéneros e outras formas de sexualidade não heteronormadas.

<sup>2</sup> A que poderemos chamar heterossexualidade obrigatória e estereotipada.

<sup>3</sup> Imaginem durante um minutos, crescer num mundo onde uma das coisas mais importantes da vida, o vosso primeiro amor, não é um acontecimento maravilhoso, luminoso e alegre, que possam partilhar com toda a gente, mas sim um facto vergonhoso, de que nem se deve falar e que (quando surge) está relacionado com frustração, solidão e medo. Acabaram de imaginar um minuto na vida de uma adolescente que se descobre lésbica.

<sup>4</sup> Também depende de ti a resposta.

# A Transexualidade em Portugal

Quando se fala de transexualidade em Portugal, fala-se de um meio em crescimento mediático, mas no qual a ignorância, a intolerância e o preconceito dominam. A transexualidade sempre foi uma realidade em qualquer parte do mundo e em qualquer época. No entanto, e dentro das chamadas “minorias”, a transexualidade foi sempre a mais ignorada e alvo do maior preconceito.

Curiosamente, este preconceito não vinha só da maioria heterossexual, mas igualmente da comunidade homossexual. Sendo assim, acabaram por se criar dois guetos: um maior, o da homossexualidade, e o da transexualidade, a que se pode chamar a minoria dentro das minorias.

No caso específico de Portugal, a transexualidade sempre esteve ligada à noite e ao espectáculo, por um lado, e à prostituição, por outro. No fundo, @s transexuais sempre foram as “criaturas da noite”. Muito confundida com o travestismo, a transexualidade sempre foi associada a pessoas estranhas, misto de homem com mulher, ou mulher com homem. Tal como a homossexualidade, a transexualidade é considerada uma “opção sexual” no senso comum, apesar das evidentes diferenças entre a preferência sexual e o conflito identidade de género - corpo.

No caso de Portugal, a discriminação de que @s transexuais sempre foram alvo, deve-se ao facto do nosso país ser um dos mais machistas, preconceituosos e falso-moralistas do mundo. Devido ao facto da imagem do “macho-latino” ser um ícone sempre actual, todos aqueles que se afastam dos estereótipos da chamada “normalidade” são imediatamente postos de lado e discriminados violentamente.

É óbvio que ser-se transexual não é fácil, em primeiro lugar pelos nossos próprios conflitos internos, que se agravam pela pressão diária que a sociedade tem sobre nós. No caso do nosso país, a transexualidade acaba por ser um “handicap” para uma vida normal. @s transexuais são vistos como “freaks”, pessoas que, da forma como são tratadas, acabam por se sentir seres inferiores. Isto vai revelar-se no seu dia-a-dia, em todos os aspectos. Para a grande maioria d@s transexuais portuguesas, o trabalho é o maior problema. Conseguir

um emprego minimamente digno de qualquer ser humano acaba por ser uma tarefa “hercúlea”, devido à enorme discriminação que sofrem.

Esta discriminação deve-se, em parte, ao facto de a pessoa se apresentar como mulher ou homem, tendo o seu nome inscrito no bilhete de identidade e outros documentos, como um indivíduo do sexo oposto. Sendo assim, esta enorme dificuldade em conseguir um emprego acaba por “empurrar” a maior parte dos transexuais para a prostituição e para os chamados trabalhos “nocturnos” – travestismo e, em muitos casos, strip-tease.

Mas o grande problema acaba por ser o dos trabalhadores sexuais, que é a grande maioria. Sem mais opções, e tendo que sobreviver, @s transexuais prostituem-se em várias zonas das grandes cidades. Estão, assim, sujeit@s não só às doenças sexualmente transmissíveis, como à violência e à agressão. Para piorar ainda mais o panorama, não têm quaisquer direitos sociais, não tendo acesso à segurança social, nem a qualquer tipo de protecção legal, como outra pessoa qualquer.

Em relação aos cuidados de saúde, a situação é deveras preocupante. Apesar de ser possível realizar a cirurgia de reassignamento de sexo em Portugal, através do Sistema Nacional de Saúde, todos os transexuais que a desejam fazer acabam por ter sérios entraves ao longo de todo o processo, acabando, na sua maioria, por desistir totalmente, ou desistirem de se submeter à cirurgia no nosso país. Muit@s viajam até Londres ou até à Suíça para aí fazerem a operação, mas estes são uma minoria tendo em conta o dinheiro que é necessário para realizar todo o processo fora do país.

Como exemplo, o primeiro transexual a ser operado em Portugal foi-o só em 1998, mudando os seus genitais de masculino para feminino. Antes da cirurgia, o processo foi demasiado longo e tortuoso e a paciente teve ainda que aguardar a autorização da Ordem dos Médicos, apesar de já ter o seu processo clínico terminado. Sendo já uma mulher “completa” fisicamente, só conseguiu que o seu nome de baptismo fosse alterado para um nome feminino em 2002. Ou seja, apenas para a simples alteração do assento de nascimento, aguardou quatro anos pela decisão do tribunal.

É urgente alterar este tipo de situação degradante em que (sobre)vive a maioria d@s transexuais. Tal como qualquer outro indivíduo, é imprescindível que @s transexuais portuguesas tenham direito a uma vida condigna, a um trabalho e a cuidados de saúde primários, bem como a protecção da segurança social. Cabe-nos, a tod@s nós, lutar por uma igualdade de direitos para esta minoria dentro das minorias.



# Amor Próprio Rui Zink

Era uma vez um homem. Esse homem às vezes sentia, sentia... Enfim, sabe-se lá o que sentia. Nada que o casamento não curasse, pensava. Nada que o casamento com uma boa mulher não resolvesse.

Conheceu uma boa mulher, a quem amava, e que o amava também, a ele. Casaram. Tiveram filhos. Quinze anos depois, o homem sentiu a primeira tentação do adultério e... bem, com um homem. Mas resistiu. Era importante para o seu amor próprio. Nem sequer era pelo que os outros iriam pensar. Era pelo que ele próprio iria pensar.

Cinco anos mais tarde, fez uma viagem de negócios a outra cidade. No bar do hotel, conheceu um jovem advogado, com o cabelo muito bem penteado, de sonho – mas... lá resistiu. Embora já não fizesse amor com a mulher, a sua noção de fidelidade e a emergência (como um vômito) de um sentimento de culpa e vergonha foram mais fortes do que o desejo. Houve mais algumas oportunidades de dar a chamada “facadinha no matrimónio”, mas este homem, heróico, estóico, resistiu sempre.

Até que, aos poucos – enfim, a carne pode ser fraca mas a idade não perdoa – se foi tornando menos difícil resistir.

Aos setenta e quatro anos, a mulher adoece. Tem cancro. O homem vai visitá-la todos os dias ao hospital. Um dia, esvaída de forças, ela pede-lhe que se aproxime. Tem algo para confessar. Algumas décadas antes, durante uma viagem de negócios dele, recebera em casa uma... bem, uma namorada. Amante é uma palavra muito feia, não é? E, anos mais tarde, outra. Ele lembrava-se daquela amiga que estava sempre lá em casa? Sim, aquela que ele dizia que estava sempre lá em casa qualquer dia quase que podia ir para lá morar. Pois. Foi um amor, uma ternura que durou anos. Ela bem sabia que não era lá muito próprio, provavelmente nem amor era, mas...

Ele de qualquer modo que não se importasse, afinal o que podiam duas mulheres fazer juntas que fosse assim tão grave? E, agora que estava a morrer, sentia-se feliz por poder dizer-lhe, tirar aquilo do peito, partilhar com ele algo que, afinal, era importante para ela mas não se intrometia entre eles, entre o seu casamento.

Por um momento, o homem ficou sentado, a olhar para a mulher. Depois, olhou para o vazio.



# O Sexo da Literatura

*Inês Pedrosa*

Confesso: só em 1997 me ocorreu que a arte podia ter orientação sexual. Tinha acabado de publicar um romance que partia de uma paixão secreta entre dois homens, no Portugal dos anos 40 (*Nas Tuas Mãos*) e um escritor que admiro teve a simpatia de me telefonar para dizer: “Parabéns! Você escreveu o primeiro romance homossexual português.” Por mais que me esforce (e esforço-me pouco), não consigo ser imune a elogios, e este, embora factualmente injusto – assim de repente, lembrei-me logo de *A Sombra dos Dias* de Guilherme de Melo e *Lunário* de Al Berto –, proporcionou-me uma agradável tranquilidade interior. É que, se nenhum escritor gosta de ver escabichadas as suas musas – todos os que conheço cometerão quantos perjúrios forem necessários para libertar as suas personagens de qualquer identificação com seres de carne e osso –, menos ainda gosta de sentir que escreveu algo de inverosímil. Donde, sendo eu heterossexual, confesso que temera que a paixão das minhas personagens soasse a falso a homossexuais de verdade. Posso também confessar que, felizmente, este medo só me atacou depois de publicar o livro (faço os possíveis por censurar ferreamente a minha auto-censura até que os textos estejam impressos). Mas tenho também de confessar que, passados os primeiros efeitos borbulhantes do elogio, voltei a desligar o botão da orientação sexual da arte.

Claro que toda a arte tem sexo, como tem coração, cabeça, estômago, bilis – corpo. Mas parece-me absurdamente redutor – e até humilhante – definir uma obra de arte – seja ela um livro, uma peça musical, uma tela ou um filme – pela orientação sexual nela inscrita ou inscrita no corpo do criador. Não foi por acaso que escolhi para epígrafe inicial do *Nas Tuas Mãos* estes versos de John Ashbery: “(...) Who goes to bed with what / Is unimportant. Feelings are important. / Mostly I think of feelings, they fill up my life / Like the wind, like tumbling clouds / In a sky full of clouds, clouds upon clouds.” Sim, quem vai para a cama com o quê é acessório.

Como acessória é, em se tratando de mulheres escritoras, a questão da chamada “escrita feminina”. Toda a escrita autêntica é simultaneamente masculina e feminina (leiam o prodigioso *Orlando* de Virginia Woolf). No entanto, não há congresso literário, por esse mundo fora, onde não se junte o mulhério num ghetto para discutir, de mulheres para mulheres, os mistérios fascinantes da “escrita feminina”, enquanto os homens – que fazem parte da Literatura com L maiúsculo, e não de um artesanato



regional chamado “literatura masculina” – ocupam os anfiteatros de honra, debatendo as Grandes Questões da Literatura do Nosso Tempo. Penso, por conseguinte, que o acantonamento dos/as escritores/as homossexuais pode ser-lhes efectivamente prejudicial, como tem sido para as mulheres “o feminino”. Além do mais, esta estratégia discriminatória acaba sempre por favorecer, por efeito de grupo, alguns artistas de menor qualidade que, fora destes sub-grupos, nem seriam considerados – o que, evidentemente, funcionará como discriminação suplementar (negativa) dos artistas que pensam que a sua arte não se cinge às questões de género e/ou orientação.

No actual estado das coisas, parece-me útil que as pessoas assumam tranquilamente a sua orientação sexual, ou o seu género. De forma mais ou menos indirecta, a arte é contaminada pela nossa vida e pelas nossas experiências. É inevitável que a obra artística de uma mulher traduza – entre outras coisas – a sua perspectiva sobre o mundo, de acordo com os preconceitos a que o mundo a quis confinar e contra os quais ela teve de lutar. Idem para os homossexuais. Estas questões deveriam, obviamente, integrar o discurso crítico – mas, em Portugal, raramente integram. O que é particularmente curioso, se pensarmos na quantidade – e qualidade – de poetas homossexuais existentes no país. Muitas vezes, são os próprios poetas a rejeitar com veemência o rótulo de “homossexuais”. Compreendo-os. Se me definissem como “romancista heterossexual” ficava furibunda – como fico quando me perguntam se a minha escrita é “feminina”. Mas a forma de expressão dos afectos e da sexualidade, bem como o território a partir do qual se escreve, são aspectos centrais para a compreensão de qualquer obra de arte.

# Manifesto

*Luís Castro (Director da KARNART, Actor, Produtor e Autor)*

Por que variadíssimas razões sinto tão vitalmente necessidade de tomar uma posição pública relativamente às questões dos direitos dos cidadãos marginalizados pelas suas orientações sexuais nas sociedades portuguesa e mundial?

Porque sou um deles; desde que me sinto e observo enquanto ser humano que me acompanham visões e anseios relativos a imagens de sexo, sobretudo de sexo masculino. Porque desde cedo percebi que esse desejo, essa vontade, essa apetência, poderiam ser alvo de agressão – física ou emocional –, de exclusão, de vergonha ou de solidão. Porque fui obrigado a viver os principais anos do meu crescimento e da minha educação mimetizado, e agrihoado a um terrível sentimento de culpa e “pecado”, essa maldita palavra, esse castrante conceito impostor! Porque percebo que o tempo passou e todas as conquistas que me aligeiraram a juventude e lhe deram um colorido especial prometendo uma sociedade mais livre, responsável e justa, desapareceram escuraçadas pelo fenómeno sida e pelo conservadorismo moral que de imediato pululou, a coberto de togas, mantilhas e batinas, qual trepadeira oportunista em embondeiro de nobres porte e idade. Porque me cruzo no meu dia-a-dia de criador com dezenas de homossexuais de diferentes áreas artísticas, apagados, fundidos. E finalmente porque percebo que novas gerações de homossexuais vão brotando no mesmo medo, na mesma vergonha, na mesma castração.

Não pretendo com este testemunho-manifesto estafar o já costumeiro e confortável dizer-mal de Portugal, ou afirmar que **se o Dantas é português eu quero ser espanhol** – dado o crescente número de dantas da minha geração a assumir cargos de importância pública, tão incompetentes e num-olhar-de-palas- apenas-experientes como o escritor que em Almada tanta raiva fazia nascer no início do século passado.

Pretendo contribuir para que se repense a sociedade portuguesa ao abrigo de valores reais. Valores de verdade, de justiça e de equidade. Reais! Valores tão básicos como os que tentam hoje proteger o nosso tão violado querido planeta.

Não podemos continuar a fechar os olhos às alterações climáticas, a contribuir para guerras manipuladoras, interesseiras e egoístas, a dizer sim à violência doméstica ou ao abuso infantil, a segregar cidadãos pela cor da pele ou pelas opções sexuais, a violar os direitos dos animais, a extinguir espécies animais e vegetais, e a transformar este planeta azul numa imensa esfera cinzenta de poluição e fogo. Abramos os olhos, não sejamos bárbaros. Pode haver ainda tantas gerações à nossa frente!



# Dois contos adoptados

**Damião** (baseado numa história real)  
Os pais de Damião, extremamente religiosos mas não católicos, não aceitaram bem a declaração do filho ao transmitir-lhes que era homossexual. A mãe chorava sem saber se era de desgosto ou de medo que o marido acabasse por matar o filho ali, na sala de jantar, com tanta pancada que lhe dava.

Damião saiu de casa, foi socorrido por amigos que lhe deram abrigo e lhe trataram do coração, mais do que das equímoses e contusões. Damião ia fazer dezasseis anos quando foi a uma conferência sobre literatura homossexual e conheceu os donos de uma cadeia de livrarias especializadas em literatura "gay & queer". Jorge e Dário ao conhecerem a vida de Damião, na coragem que havia tido ao falar com os pais, apesar de por tal ter de estar a viver praticamente na escola, convidaram-no a viver na casa de ambos. Actualmente Damião sente que tem uma família que o ama, protege e apoia e os seus novos pais empenham-se em poder requerer o direito de parentalidade que o seu novo filho escolheu e merece.

## Maria

José era casado e pai duma linda bebé de dois meses quando num daqueles inconcebíveis acidentes de automóvel a morte lhe ceifou a vida da esposa e sogra deixando-o só com a menina. O apoio e um novo amor chegou-lhe então donde menos esperava, de um colega! José passou no espaço de um ano de viúvo às confusões de se ver numa relação com alguém do mesmo sexo. Quando a sua filha tinha seis anos já José vivia há quatro com o Rui, seu companheiro nas horas boas e más e de quem Maria nunca havia questionado ser aquele o seu segundo pai.

Na escola, os educadores, que conheciam os dois pais de Maria, nunca perguntavam pela mãe, seria falta de educação e constrangedor, mas se isso acontecia a Maria dava uma resposta tão simples que o assunto acabava por morrer ali: «Um dia o meu pai encontrou um namorado que o ama muito, que é o Rui, e ele gosta muito de mim, é o meu outro pai!»

A hipótese de José ir trabalhar dois meses para o Brasil, contribuindo para a sua progressão na carreira, deu-se a meio do ano lectivo e Maria, com dez anos e uma das melhores alunas da classe, ficou com o Rui. Quando vieram as férias da páscoa o pai tinha-lhe prometido uma viagem ao Brasil, que ele queria tirar as saudades dela e do companheiro, e isso justificava-se agora mais que tudo devido a este estar acamado por ter partido uma perna durante o serviço.

Maria não pôde ir! O Rui não era considerado pai nem reconhecida a sua parentalidade, Maria não tinha avós e os tios nunca os havia conhecido por se terem afastado com o amor do José pelo Rui. Maria também ficou doente e o Rui teve sérios problemas para a visitar no hospital porque legalmente não lhe reconheciam nada, apesar do seu amor por esta sua filha ser reconhecido em todo o lado.

# O Meu Filho é Homossexual. E agora?

Você criou o seu filho com amor e carinho. Por vezes sacrificou-se, para lhe dar a melhor educação possível. É provável que o tenha visto como um prolongamento de si e tenha desejado para ele uma vida de felicidade e sucesso, nos planos amoroso, familiar, profissional e social. Mas com certeza você também pensou muitas vezes em como o seu filho é um indivíduo com vida própria ou como as escolhas dele podem ser diferentes das suas (por exemplo, os gostos musicais, os amigos com quem sai, até mesmo as ideias políticas), sem que isso vos afaste, desde que haja a comunicação e o afecto suficientes para aprenderem em conjunto. Você sabe que o laço entre si e o seu filho nunca se perderá, mas que, para tal, terá que o cultivar depois da inevitável separação. Mas um dia o seu filho diz-lhe que gosta sobretudo de pessoas do mesmo sexo. Ou que se apaixonou por alguém do mesmo sexo. E você não sabe como reagir.

## Será que eu tenho culpa por ele ser assim?

É natural que os pais procurem responsabilizar-se pelo que de "errado" acontece aos filhos. Eles desejam o melhor para eles e esforçam-se, ao longo do seu crescimento, para lhes darem orientação e valores. Um belo dia o filho comunica-lhes que é homossexual ou que está apaixonado por alguém do mesmo sexo, e a força dos costumes e da pressão social leva os pais a pensarem que fizeram algo de errado ou que os filhos foram vítimas de más companhias. Normalmente, nem uma nem outra coisa são verdade. As teorias que procuram explicar a origem ou causa da homossexualidade são especulativas. Na realidade, a própria pergunta sobre as origens da homossexualidade é absurda, pois implica responder também à pergunta sobre as origens da heterossexualidade. A sexualidade dos indivíduos - incluindo a orientação sexual - é o produto de muitos e insondáveis factores. E os comportamentos sexuais só devem ser encarados como problemas quando dão mal-estar aos próprios ou interferem com a liberdade alheia, e não porque os valores sociais dominantes os consideram errados. Você não teve "culpa". Pense antes em como educou o seu filho tão bem que ele confiou em si e contou-lhe a verdade, uma verdade íntima e fundamental para ele se sentir bem consigo próprio.

## Como é possível aceitar a homossexualidade?

Os seres humanos, enquanto animais, podem ser ou macho ou fêmea, de modo a permitir a reprodução sexuada. Este é um dado da natureza, como que uma herança da humanidade. Mas é um dado com tantas consequências morais quanto o clima ou a vegetação. Condiciona, não determina. Isto porque os seres humanos não são apenas animais, pois têm racionalidade, afectividade e cultura. Cada vez é mais consensual pensar-se que somos, à nascença, potencialmente bissexuais. Trata-se de uma questão de probabilidades e combinatorias: havendo dois sexos, teremos pessoas que gostam mais de outras do mesmo sexo, e pessoas que gostam mais de pessoas de outro sexo, sendo que raramente esse sentimento é exclusivo ou definitivo.

## O que é que ele anda a fazer?

Muito provavelmente, o que o seu filho anda a fazer é a namorar, como qualquer outro jovem. Ou a querer começar uma relação de casal, como qualquer outra pessoa. Deverá ter conhecido alguém por quem se sentiu muito atraído, num amor recíproco. As imagens de grupos de homossexuais fechados sobre si mesmos, promíscuos e obcecados por sexo, ou se aplicam a uma minoria cuja projecção é exagerada pela curiosidade e o opróbrio, ou se aplicam a uma fase de experimentação na vida das pessoas, comum a heterossexuais e a homossexuais. A maior parte dos homossexuais são pessoas como as outras, sem traços exteriores visíveis, desejosas de encontrarem alguém com quem possam construir uma relação amorosa satisfatória. Não se relacionam só com outros homossexuais; e comportamentos criminosos, como a violação ou o abuso sexual, não estão relacionados com a orientação sexual. Todos os preconceitos contra os homossexuais são isso mesmo, preconceitos. Diferem pouco daqueles que existem contra negros, judeus ou mulheres. E têm a mesma causa: a ignorância.

Por outro lado, um dos aspectos que mais assusta os pais, e quem não conhece a homossexualidade, são as práticas sexuais em si. Ora, elas nada têm de especialmente diferente das práticas heterossexuais: em ambos os casos, trata-se de usar o que a natureza nos deu, o nosso corpo e os nossos genitais - assim como a afectividade e a fantasia - para obter e dar prazer.

## Será que ele vai sofrer por ser assim?

Seria irresponsável dizer que não. Por várias razões. Se o seu filho lhe contou que é homossexual, isso significa que ele já passou por um penoso processo de tomada de consciência e chegou à conclusão que está bem consigo próprio. Ao contar-lhe, ele está a dizer: confio que me aceites como sou e preciso do teu afecto e apoio para ultrapassar as dificuldades que possa vir a sentir. Essas dificuldades podem ter a ver com a "coscuvilhice" dos outros, com o emprego, etc. Mas quantos mais homossexuais assumidos houver, mais a sociedade aprenderá a conviver com a diversidade.

## O que é que eu posso fazer?

Desde logo, o que não deve fazer, para seu bem e dele: tentar convencê-lo a mudar, propor uma cura, ou cortar os laços. Não se convence alguém a mudar de sentimentos e de impulso erótico, pois não se trata de uma escolha (a escolha é a de ter assumido e comunicado a orientação sexual); não se propõe uma cura, pois a homossexualidade não é uma doença (e quando se achava que o era, as "curas" de internamento psiquiátrico e de electrochoques não curaram ninguém: apenas destruíram as pessoas); e não deve cortar os laços, pois isso só vai fazer com que ambos sofram e percam a oportunidade de se conhecerem melhor enquanto pessoas.

O único caminho possível é o diálogo. Procure aprender com o seu filho, esclarecer dúvidas com ele. Se ele tem um namorado, procure conhecê-lo, pois assim verá uma pessoa e não uma abstracção. Pode também procurar ler obras que versem o assunto. Em Portugal, as associações de defesa dos direitos lgbt dispõem de linhas de apoio e até de grupos de discussão para pais que passaram pela sua situação. Se, ainda assim, se sentir perturbado, não se coíba de procurar ajuda psicológica: os psicólogos estão hoje mais dispostos a ajudar pessoas na sua situação do que a "curar" a homossexualidade. Pense bem: o seu filho, ao contar-lhe, está não só a respeitá-lo, como a dar-lhe uma prova de carinho e estima. Está a contar-lhe a verdade. Está a dizer-lhe que você não fez nada de errado. E espera de si o que sempre esperou: que o queira feliz - especialmente no amor - seguindo o seu próprio caminho, numa época que é necessariamente diferente daquela em que você viveu. Em suma, o seu filho está a dizer-lhe que gosta de si, e que além do apoio e compreensão que sempre recebeu, agora espera também respeito.



©2003 el gèbètè

Esta Publicação é uma iniciativa dos seguintes colectivos:  
@t. - associação para o estudo e defesa do direito à identidade de género (213 240 346); Associação Clube Safo (Apartado 95, 2000-029 Santarém); Associação Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa (213 955 447); Associação ILGA Portugal (218 873 918); ANGELS (grupo de surdos GLBT) - Departamento GLBT da Associação Portuguesa de Surdos (213 557 244); Companhia dos Ursos (info@companhiadosursos.org); #gayteenportugal (gayteenportugal@netcabo.pt); Grupo Oeste Gay (964 456 860); Grupo de Trabalho Homossexual do PSR (218 864 643); Não Te Prives - grupo de defesa dos direitos sexuais (naotepriives@yahoo.com); PortugalGay.PT (http://www.portugalgay.pt); Rede Ex-Aequo (218 873 918).

**Redacção** Fabíola Cardoso, Lara Crespo, Manuel João Morais, Maria Sanches Ribeiro, Miguel Vale de Almeida, Paulo Côte-Real, Paulo Vieira, Sérgio Vitorino, Simão Mateus, Teresa Cláudia Tavares **Depoimentos solidários** Associação para o Planeamento da Família, Grupo LGBT e Género da Amnistia Internacional - Secção Portuguesa, Luís Castro, Inês Pedrosa, Rui Zink **Fotografias** Associação ILGA Portugal; Clube Safo; João Francisco Vilhena; PortugalGay.PT; GTH-PSR

**Cartoon** Simão Mateus **Design** Jorge Lino

**Tiragem** 10 000 exemplares **distribuição gratuita**